O ARTESANATO DE NOVO AIRÃO: UMA ESTRATÉGIA SOCIAL PARA A CONSERVAÇÃO

Katiuscia da Silva Auzier[45]
Katia Helena Serafina Cruz Schweickardt[46]
Andreza Gomes Weil[47]

Resumo: A cidade de Novo Airão, localizada no estado do Amazonas, destaca-se por sua rica biodiversidade, mundialmente conhecida pelo Parque Nacional de Anavilhanas e pelo Parque Nacional do Jaú. Neste estudo, dá-se destaque à sua sociodiversidade, especialmente ao trabalho realizado pelos núcleos de artesanatos: Associação de Artesãos de Novo Airão, Nov'arte e Fundação Almerinda Malaquias. Os resultados mostram que a questão que envolve a emergência dos empreendimentos locais e o uso de produtos florestais, é extremamente complexa em relação aos critérios de sustentabilidade. As relações que envolvem a produção do artesanato referem-se às estratégias construídas para o equacionamento das questões sociais, econômicas e ambientais.

Palavras Chaves: Artesanato, Organizações Sociais, Sustentabilidade, Unidades de Conservação.

Abstract: Novo Airão town, located in the State of Amazonas, stands out for its rich biodiversity, known worldwide by the Anavilhanas National Park and the Jaú National Park. In this study, its sociodiversity is highlighted, especially to the work carried out by handicraft centers: Association of Craftsmen of Novo Airão, Nov'Arte and Almerinda Malaquias Foundation. The results show that the issue involving the emergence of local enterprises and the use of forest products is extremely complex in relation to sustainability

[45] Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil. End. Eletrônico: kat_auzier@hotmail.com
[46]Doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil. End. Eletrônico: katia.helena.ufam@gmail.com
[47] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil. End. Eletrônico: andrezaweil@gmail.com

criteria. The relationships that involve the production of handicrafts refer to the strategies built for the equation of social, economic and environmental issues.
Keywords: Handicraft; Social Organizations; Sustainability; Conservation Unities.

INTRODUÇÃO

O artesanato é um produto diferenciado pelo aspecto cultural e identidade societária que carrega, além disso, em uma linguagem estritamente econômica, pode ser considerado um produto com valor agregado. Esta atividade é compreendida como heterogênea e complexa, uma forma de expressão cultural tradicional e ao mesmo tempo contemporânea, envolvida em diferentes tecimentos sociais.

Este estudo destaca a produção artesanal da cidade de Novo Airão como mediadora das relações sociais, culturais e econômicas, bem como a sociodiversidade presente no trabalho dos artesãos que compõem a Associação dos Artesãos de Novo Airão (AANA), a Fundação Almerinda Malaquias (FAM) e a Nov'arte, núcleos de artesanatos que tem por base a elaboração de produtos artesanais e trançados de arumã e madeira. Tal diversidade evidencia a capacidade de mudança da relação do artesão com a natureza, onde nenhuma de suas ações está eximia de representações.

O elemento principal que norteia a capacidade produtiva dos artesãos é a cultura, considerando a representação simbólica regional, relacionada ao Parque Nacional de Anavilhanas[48], de onde retiravam os recursos necessários para a produção artesanal. A produção, pautada nas possibilidades frente a ausência e distribuição de matéria-prima revela estratégias adaptativas que os artesãos desenvolveram para explorar os recursos naturais e enfrentar as limitações ecológicas que incidem no ambiente, quanto nos próprios grupos humanos. Neste contexto, o principal desafio este em não se submeter às imposições naturais, mas tomá-las em consideração, ampliando seus efeitos positivos ou atenuando os negativos (DIEGUES, 2001).

PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS

Este estudo configura-se como etnográfico e de abordagem qualitativa, logo a análise dos dados deu-se a partir da codificação e categorização das informações e da

[48] Lei nº 11.799, de 29 de outubro de 2008: Transforma a Estação Ecológica de Anavilhanas, criada pelo Decreto nº 86.061, de 2 de junho de 1981, em Parque Nacional de Anavilhanas.

análise teórica e interpretativa dos significados e experiências observados no decorrer da pesquisa. Foi desenvolvido no município de Novo Airão (AM) a coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas junto aos artesãos, presidentes e coordenadores da AANA, Nov'arte, FAM e o secretário municipal de cultura.

Assim, o estudo buscou analisar como a produção do artesanato na Nov'arte e Associação dos artesãos de Novo Airão pode mediar as relações sociais e ambientais locais. Da mesma forma, buscou-se entender a racionalidade das práticas sociais na produção do artesanato e o uso dos recursos para o desenvolvimento local.

CONTEXTO LOCAL E AS INICIATIVAS ARTESANAIS

A cidade de Novo Airão (AM) está localizada à margem direita do Rio Negro, a uma distância de Manaus de 195 km por via terrestre (IBGE, 2010). A cidade é cercada por Unidades de Conservação, tanto de proteção integral, quanto de uso sustentável: Parque Nacional de Anavilhanas, Parque Nacional do Jaú[49], Área de Proteção Ambiental (APA) direita do Rio Negro e a Reserva Indígena Waimiri-Atroari. O acesso de visitantes nestas áreas é restrito e ocorre apenas com autorização dos órgãos competentes como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) ou a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

A cidade acolheu muitos imigrantes dos rios Jaú e Unini, situados no Parque Nacional do Jaú (PNJ). Registros colhidos entre os anos 1992 a 2001 indicam que 90% das pessoas que vivem no município de Novo Airão provêm do Rio Jaú e 47% do Rio Unini, o que revela um expressivo movimento migratório (NAKAZONO, 2007).

O processo de implantação das Unidades de Conservação (UC)[50] não refletiu apenas no deslocamento das famílias, mas também no uso dos recursos utilizados pelas mesmas. Estudo da Fundação Vitória Amazônica (FVA) acerca dos processos de implementação das Unidades de Conservação revela que:

> A falta de consulta pública, principalmente naquelas unidades federais de proteção integral (Estação Ecológica de Anavilhanas e Parque Nacional do

[49] O PNJ foi criado pelo decreto nº 85.200, de 24 de setembro de 1980. É um dos maiores parques do Brasil, com uma área de 2.272.000 hectares, nos municípios de Novo Airão e Barcelos, a cerca de 200 km de Manaus. O PNJ foi declarado Sítio Natural de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 2002, admitindo sua importância no que diz respeito à conservação da biodiversidade. (CALDENHOF, 2009).

[50] Os critérios para criação de UC basearam-se nas regiões fitogeográficas da Amazônia, partindo de critérios levantados, por exemplo, pelo projeto Radam de pesquisas sobre geologia, geomorfologia, hidrologia, solos e vegetação. As UC de proteção integral não permitem a presença de populações humanas residentes nos espaços delimitados pelas unidades (NAKAZONO,2007).

> Jaú), causou um grande conflito com o poder público dos municípios de Novo Airão e Barcelos, que tiveram boa parte da área municipal transformada em unidades de conservação. A população local teve seus hábitos tradicionais alterados por uma nova política preservacionista autoritária, dificultando seu acesso aos recursos naturais e empurrando o ribeirinho para clandestinidade (FVA, 2005, p. 05).

Neste cenário, em torno do grande número de áreas protegidas vivem os sujeitos sociais da cidade que tem como aliado, a grandeza da região. Para os moradores a opção em trabalhar com o artesanato, surge como uma das formas de obter renda, pois as oportunidades são restritas a fatores políticos, sociais e até ambientais. Atividades agroextrativistas como a pesca, agricultura e extração de produtos florestais madeireiros ou não, mantêm a sua importância. No entanto, são cada vez menos praticadas pelas famílias que se ocupam, atualmente, de outras atividades, como as comerciais e turísticas (NAKAZONO, 2007).

FUNDAÇÃO ALMERINDA MALAQUIAS (FAM): A ARTE DE TRANSFORMAR MADEIRA MORTA EM BICHOS DA AMAZÔNIA

A FAM é definida por fundadores como uma organização não governamental criada para atender as demandas econômicas e sociais dos moradores da cidade de Novo Airão. Ao buscar novas ações e práticas que viabilizassem o sustento para a população da cidade, o manauara Miguel Rocha da Silva[51], descobriu nos resíduos descartados pela indústria naval do município, uma solução econômica que agregava formação profissional e fonte de renda. A partir desta constatação, buscou criar um núcleo produtor de artesanato em madeira, instituído no ano de 1992 em parceria com o suíço Jean-Daniel Vallotton.

No ano de 1997, a FAM é instituída em um espaço de 9.000m², terreno doado pela prefeitura e localizado na entrada da cidade. Batizada com os nomes dos pais de Miguel, dona Almerinda e seu Malaquias, a constituição legal da instituição só ocorreu no ano 2000, quando iniciou a oferta de cursos profissionalizantes desenvolvidos com técnicas de marcenaria e tinha como matéria-prima a reutilização de sobras da indústria naval.

O trabalho na fundação se desenvolve com o entalhe[52] (Figura 01) em madeira por meio da qual passaram a confeccionar pequenos móveis. Com o passar dos anos a

[51] Exponho os nomes dos fundadores, diante sua representatividade. A imagem dos mesmos permeia o ambiente da Fundação.

[52] Abrir corte em (madeira ou objetos em madeira) para criar uma escultura, ou uma matriz de uma xilogravura; esculpir, gravar (FERREIRA, 2010).

produção incorporou também utilitários e peças decorativas feitos de forma manual e de maneira simples pelos artesãos da comunidade (AUZIER, 2012).

Figura 3: Artesão entalhando



Fonte: AUZIER, K. 2016.

Com a aceitação e a intensa participação da comunidade os artesãos se articularam para viabilizar a expansão de seus produtos no mercado e fortalecer a categoria por meio da criação de uma Organização Social, neste caso, a Associação de Produtores Nov´arte.

No início das atividades a madeira mais utilizada era o molongó[53], leve e fácil de trabalhar. As peças eram pintadas e possuíam menos entalhes. A dureza e a densidade da madeira definem qual a peça a ser entalhada, essas características determinam a técnica de acabamento. Quanto mais a madeira trabalhada apresentar um grau de dureza, a mesma há de tolerar um entalhe mais fino, ao passo que as madeiras macias permitem menor precisão.

Atualmente a produção tem um número significativo de animais da fauna local. "o tema dos bichos foi escolha dos artesãos, que lançaram no mercado e deu certo" (Artesão da Nov'Arte). O artesanato mais produzido e o mais vendido é "o sapo cantador" (Figura 02) que, de acordo com os artesãos, é feito em marchetaria de algumas espécies vegetais como a itaúba, o roxinho, a muirapiranga e a jaqueira que oferecem tonalidades diferentes á peça, bem como emitem sons suaves e melódicos.

[53] O molongó é uma árvore de porte médio da família *Apocynaceae*, comum nas áreas de várzea e igapós da Amazônia desenvolve-se rapidamente atingindo a fase adulta em aproximadamente um ano após sua germinação (FONSECA, 2010).

Figura 02: Sapo cantador.



Fonte: AUZIER, K. 2016.

Cada artesão é responsável por sua produção e também pela matéria-prima, neste caso, a Nov'Arte não tem o controle sobre a origem da madeira utilizada. No entanto, observou-se que os trabalhadores entrevistados, demonstram cuidado com a procedência da madeira que trazem para ser trabalhada no galpão da FAM.

As falas dos artesãos enfatizam que a "madeira morta" utilizada é encontrada em florestas locais. O acesso é por meio de ramais[54] ou em terrenos na qual seriam queimadas ou sobras da indústria moveleira. Ocorre em alguns casos, a compra da madeira, uma negociação com os donos de movelarias. Muitos pedaços de madeira extraída para a produção moveleira são descartados no próprio local resistindo ao tempo e ali permanecem durante anos.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE NOVO AIRÃO (AANA): DA FLORESTA ALAGADA AOS TRANÇADOS DE TRADIÇÃO INDÍGENA

A AANA surgiu em torno do núcleo da família da Sra. Percília, que ensinava e auxiliava na capacitação das artesãs, desde o inicio do trabalho em grupo. Ela trouxe o saber dos trançados em fibra de arumã do Alto Rio Negro, da cidade de São Gabriel da Cachoeira. A composição da AANA tem origem de localidades e municípios ao longo do Rio Negro, como Novo Airão, Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e comunidades dos Rios Unini e Jauperi (AUZIER, 2012; NAKAZONO, 2007).

Em 1994, o projeto Fibrarte, desenvolvido pela FVA e financiado pelo Fundo Brasileiro para a biodiversidade (Funbio) e Fundação Ford, inicia suas atividades na

[54] Caminhos feitos na floresta.

cidade de Novo Airão, e tinha como objetivo desenvolver alternativas de geração de renda para as populações da bacia do Rio Negro, por meio da atividade tradicional de produção de artesanato em fibras vegetais (NAKAZONO, 2007).

Em 1996 com apoio do referido projeto da FVA a AANA é instituída, buscando potencializar a comercialização de seus produtos, visto que a venda do artesanato era feita de maneira individual sem nenhuma estrutura organizacional coletiva.

Não diferente da FAM e da Nov'arte, a AANA foi criada para proporcionar geração de renda e preservação das técnicas tradicionais, visando ainda à inserção em mercados de artesanato de alta qualidade ressaltando suas tradições específicas.

A predominância de mulheres na atividade do artesanato é acentuada e a incorporação dos maridos e filhos se dá por meio da atividade da coleta de arumã. Porém, foi observado que no âmbito da AANA, que apesar da dominância feminina, em geral os homens são eleitos para a presidência. Uma constatação que nos convidar a refletir acerca do significado das habilidades artesanais como atributo e parte da natureza feminina da repartição sexual das aptidões.

A divisão sexual do trabalho, definida como a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre sexos "(...) tem dois princípios organizadores: o princípio da separação (há trabalho de homens e trabalho de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem "vale" mais que um trabalho de mulher)" (HIRATA E KERGOAT, 2007, p. 05).

A principal fibra utilizada pelas artesãs da AANA é obtida da tala de arumã – (*ischnosiphon polyphyllus)*. O arumã (Figura 03) se destaca dentre as fibras vegetais por sua qualidade e resistência e a variabilidade de seus usos, empregado por diversos grupos. Entre os povos indígenas do Rio Negro existem especialidades artesanais e técnicas próprias a cada etnia.

Os desenhos e padrões dos trançados (Figura 03), assim como, alguns tipos de cestos também foram, em tempos passados, especialidades de certas etnias. Deixaram de ser devido à valorização comercial de cestos com fartura de desenhos. Atualmente, todas as etnias rio-negrinas fazem cestos e copiam os desenhos umas das outras (NAKAZONA, 2007).

Figura 03: Fibras de arumã.



Fonte: AUZIER, K. 2016.

Nos artesanatos fabricados na AANA, estão, portanto, reproduzidos e ressignificados os conhecimentos dos povos indígenas do Rio Negro, especificamente da etnia Baré, representada por uma diversidade de traçados e elementos iconográficos. Entre os artesanatos produzidos pela AANA estão os tupés, luminárias, jogo americano, cestos, colares e chapéus.

As famílias das artesãs da AANA costumavam coletar arumã nas ilhas do Parque Nacional de Anavilhanas, localizada em frente à cidade. Conforme relato da ex-presidente da ANNA, "a associação de fibra no início do surgimento dela coletava matéria prima na Anavilhanas, há muito tempo atrás. Essa produção era viagem que acontecia toda semana, entendeu?". Entretanto, após a institucionalização do Parque o acesso ao uso dos recursos foi proibido, situação que gerou uma diversidade de conflitos locais, uma vez que a população vivenciou um rompimento das representações socioculturais que foram construídas em torno daquele ambiente. Conforme Diegues (2001):

> A disjunção forçada entre a natureza e a cultura tradicional, em que os homens são proibidos pelo Estado de exercer suas atividades do fazer patrimonial, e também do saber, representa a imposição de um mito moderno: o da natureza intocada e intocável, próprio da sociedade urbano-industrial sobre mitos das sociedades tradicionais (2001, p.62).

Estes conflitos foram mais evidentes na relação entre o IBAMA e os coletores familiares da AANA. No ano 2000, visando estabelecer acordos para a extração do arumã, a ANNA formou um grupo de coletores e formalizou parceria com a FVA para a elaboração e implementação de um sistema de manejo do arumã em áreas de igarapés próximas a Comunidade do Sobrado, distante 19 km de Novo Airão, localizada na Área

de Proteção Ambiental (APA) da margem direita do Rio Negro, fora da área de abrangência do Parque de Anavilhanas.

Em 2003, a AANA consegue a autorização do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM) e do IBAMA [55] para realizar o manejo da espécie de arumã, Ischnosiphon polyphyllus, nos igarapés da Comunidade do Sobrado (NAKAZONO, 2007; PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA, 2006).

A AANA inicia o manejo de arumã e o uso continuado dos recursos com autorização legal de acesso aos locais de extração, conciliando seu artesanato a conservação a partir de uma demanda de produção e comercialização dos seus produtos.

APROVEITANDO O QUE A NATUREZA OFERECE

Muitos dos recursos naturais explorados comercialmente na Amazônia, tal como o arumã e a madeira são matérias-primas, pesquisadas e manejadas há tempos. Na última década, diversas espécies de plantas são utilizadas por povos tradicionais para a confecção de artesanato em fibras vegetais, servindo para complementar a renda econômica familiar de inúmeros grupos sociais.

Na AANA prevalece a prática do trançado com as tiras de arumã, tiras tingidas com tinturas e resinas originais da flora local, retiradas de árvores e arbustos como a goiaba-de-anta, urucu, castanheira e outras. A planta mais utilizada pela Associação é a espécie de arumã membeca, a única que possui plano de manejo.

O arumã é uma planta herbácea, de tamanho médio e grande, que cresce em locais alagados, como as florestas de igapó. Na forma de touceiras, é composta por talos em diferentes estágios: o broto, um talo novo, o olho um talo jovem e o maduro. A palha é extraída da folha jovem, ou "olho", antes de abrir-se. A tala é obtida a partir do processo chamado pelos artesãos de "destalagem", que se refere a retirada da camada superficial do talo, sobrando o miolo poroso e o bucho, que é jogado fora.

A extração segue o plano de manejo e a permissão de uso dos recursos locais selecionados para manejo na APA, só é possível, pois esta atividade é realizada em pequena escala e tem caráter socioeconômico não predatório.

No entanto, a relação entre AANA e a comunidade do Sobrado tem sido conflituosa quanto as negociações de uso dos igarapés, visto que o período indicado no

[55] Diário Oficial 2 de setembro, Licença de Operação N0 226/03 do IPAAM / Of. N0 1013/2002–DIEF/IBAMA/AM.

plano de manejo para a reposição correta do arumã é de três anos, situação que gera a necessidade da procura por outros igarapés, enquanto alguns permanecem como área de "descanso".

O arumã deve ser trabalhado maduro, o verde é utilizado apenas para arremate. Após a coleta o arumã verde deveria ir para tanques de armazenamento, onde ficaria amarrado em feixes, submerso na água.

> Tem pouca área, vamos coletar a quantidade que tem aqui e aí mantém ela lá, submersa coloca água e tal e de lá vai tirando para produção, quando o turista chegar, encontrar os artesãos produzindo. Se você for hoje na Associação tá vazio o tanque, não tem matéria-prima lá, guardada para fazer a produção, estrutura a Associação tem para receber material e produção, mas não tem matéria-prima pra isso, infelizmente (Ex- presidente e artesão da AANA, Set. 2016).

Conforme informações das artesãs, a AANA está desistindo do acesso às áreas da comunidade do Sobrado e busca por meio de uma parceria com a FVA a extração (de arumã) com os moradores da Resex do rio Unini[56]. Sabe-se que nessa área, pertencente ao Parque Nacional do Jaú existe igarapés "fechados" pela grande ocorrência de touceiras de arumã.

Os conhecimentos tradicionais também são característicos da produção artesanal em Novo Airão e se apresentam como um atrativo para as pessoas que visitam a sede da produção. O Presidente da AANA destaca que seus conhecimentos foram passados pela sua avó, descendente do povo Baré e que ainda hoje são mantidos. O artesanato local é visto como herança da cultura e das técnicas artesanais dos moradores das suas comunidades e familiares, "Minha cultura é o que sei fazer, o que aprendi com meus pais. Meus filhos não podem dizer que não ensinei nada a eles" (Artesã da AANA, 2016).

A qualidade das peças está diretamente relacionada com a atividade tradicional, o que as torna diferente de outra mercadoria vendida em larga escala. Contudo, a arte se dinamiza e permite inovações sobre as formas e matérias-primas utilizadas, "hoje em dia a associação produz muito artesanato daqueles cachos da macaba e açaí, faz bastante. Inclusive esses artesanatos têm nas pousadas aqui" uma estratégia de adequação a demandas de mercado (ARTESÃ DA AANA, Out.2016).

[56] Os igarapés do Rio Unini, na região de delimitação do Parque Nacional do Jaú, Barcelos – AM são locais com grande abundância de arumã, segundo os moradores. O Rio Unini é um dos locais mais ocupados do Parque Nacional do Jaú e de seu entorno (NAKAZONO, 2007).

Na AANA, os principais aspectos da produção são o acesso à matéria-prima e a confecção dos produtos de fibras no galpão da Associação. Entretanto, a dificuldade na obtenção das fibras de arumã enfraquece a produção local.

> Há pouca matéria-prima que tem, mal dá para manter as lojas aqui, se vocês chegarem na loja da associação tem alguns produtos lá pendurados, entendeu? Porque não consegue produzir para encher a loja, porque tem algumas encomendas menores, daí vai vareando dessa forma, a maior dificuldade disso tudo é a matéria-prima para produção (Ex- presidente e artesão da AANA, Set. 2016).

Quanto ao local de trabalho verificou-se que artesãs utilizam tanto a Associação como a própria residência. O que determina o ritmo de trabalho e a quantidade de tempo trabalhado é o volume das encomendas dos clientes e o prazo de entrega das peças, pois quando realizando em menor tempo possível mais ágil será o recebimento do pagamento. Além disso, o ritmo próprio de cada artesã imprime a qualidade impregnada na peça.

Ainda sim, os artesãos da AANA tem a preocupação em não atender as demandas dos clientes, tanto pela falta de matéria como limitações operacionais, como relata o ex-presidente:

> Uma vez chegamos a receber uma encomenda do Marcelo Rosenbaum, aquele arquiteto do caldeirão do Huck, veio pra cá, no carnaval, veio visitar os botos, passeou e tal, aí com a família aqui andando na rua, entrou na associação, aí o cara ficou encantado com o trabalho, com os tapetes, com os desenhos e tudo, ai ele queria colocar aqueles tapetes no fundo dos quartos das casas, entendeu? Aí a gente não consegui enviar porque os correios só envia com ate 1 metro de altura, né? E ele queria os tapetes de 4 metros e meio, de 5 metros, aí perdemos a encomenda dele (ex-presidente e artesão da AANA, Set. 2016).

O apoio das instituições está relacionado com o aumento das vendas e valorização do artesanato. No entanto os artesãos ainda dependem de compradores externos, por isso, turismo tem um papel importante na comercialização dos produtos da loja. No local, o consumidor tem contato direto com o artesão que está produzindo ou com o artesão responsável pela venda.

No que se refere à determinação do preço creditado nas peças, são considerados o tempo gasto, o tamanho e a dificuldade de fabricação. A Nov'arte, trabalhando em parceria com a FAM, reaproveita a madeira morta, os artesãos trabalham com resíduos encontrados em madeireiras, serrarias locais, além de áreas de retirada de madeira da indústria moveleira ou naval.

Para Wiecheteck (2009) os resíduos urbanos de madeira merecem uma abordagem diferenciada, já que os mesmos compõem o passivo ambiental gerado pelos resíduos. O trabalho com resíduos é compreendido aqui como o retorno de uma matéria-prima ao ciclo de produção para gerar um novo produto, sendo que esta prática é associada ao consumo, ao meio ambiente e ao lucro.

Os refugos utilizados oferecem ao artesão da Nov'arte uma ampla gama de cores e usos, viável para a fabricação de peças artesanais e utilitários pequenos, ajudando a comercialização dos produtos ao agregar um valor único e "brasileiro", tornando-os especialmente atrativos no mercado.

A importância dos pequenos objetos de madeira da Nov'arte ocorre também por conta da viabilidade econômica, considerando que a matéria-prima tem baixo custo, ou em algumas coletas, gratuidade. Além disso, o produto manufaturado pode ser diversificado, e, não obstante, o preço final das peças constitui-se em um agente facilitador para o escoamento da produção. A produção de pequenos objetos de madeira resulta de especificidades e de uma multiplicidade de condições, tais como: da trajetória dos artesãos e de sua relação com os objetos (MONTEIRO, 2006; LOPES, 2009; DIEDERICHSEN, 2003).

Os artesãos identificam a existência de madeiras mortas nos roçados que as pessoas queimam para plantar, sobras da construção civil, madeira caída naturalmente, resíduos abandonados pelos madeireiros e algumas vezes doações de proprietários de sítio ou do IBAMA. Estes resíduos são selecionados, cortados, condicionados e secados antes de serem entalhados e polidos até apresentarem alta qualidade no acabamento das peças decorativas que retratam espécies da fauna amazônica.

Da arte manual feita de maneira simples, com formão[57] e terçado, a parceira com a FAM viabilizou a atualização de maquinário como lixadeira, serra de mesa, furadeira e motosserras que auxiliam no trato com peças de madeira de vários tamanhos, aumentando a capacidade de produção e a qualidade do produto final. Técnicas artesanais nasceram da necessidade de transformar a matéria-prima local em objetos utilitários.

A participação em feiras é vista como uma importante forma de comercialização e exposição dos produtos a diferentes público. Além disso, é possível também adquirir mais experiência com vendas, oportunidade de reconhecimento e aumento da demanda.

[57] Ferramenta usada pelos artesãos composta por uma lâmina afiada numa das extremidades, estando a outra embutida num cabo (Descrição da pesquisadora).

Os entrevistados afirmam que suas aptidões individuais foram desenvolvidas e incentivadas por meio dos cursos profissionalizantes oferecidos pela FAM, vale assinalar o envolvimento e o crescimento que se manifesta do individual para o coletivo.

A frase em destaque na Fundação "tradição e qualidade transformando madeira morta em bichos da Amazônia", evidencia a dinâmica do trabalho dos artesãos e sua relação com a natureza. Vale destacar também que o ambiente do galpão de produção e a loja são ornamentados com delicadas esculturas de animais característicos da região, feitos com matéria prima encontrada em florestas locais.

Os produtos artesanais deixam claro a relação com a natureza, pois as obras não fogem à realidade vivenciada pelos artesãos, que procuram aliar seus conhecimentos culturais com a qualidade de vida, e a consciência ambiental que os envolve. Um trabalho coletivo que valoriza o trabalho do artesão e o estimula a mudanças, mostrando a importância de se profissionalizar e aperfeiçoar seu produto.

APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA E ECONÔMICA DA NATUREZA

O debate sobre a temática do desenvolvimento, nas últimas décadas, vem se ampliando, considerando as transformações dos ecossistemas e a racionalidade do uso dos recursos naturais. A promoção e avaliação do nível de desenvolvimento tem se tornado uma tarefa um tanto difícil, afinal outras categorias passaram a ser evidenciadas como importantes, demonstrando que muitas práticas desenvolvimentistas, mesmo gerando ganhos econômicos elevados, acabaram por impactar negativamente as condições de vida da humanidade (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2011).

A compreensão de desenvolvimento não deve ser reduzida à dimensão econômica e sim na relação existente entre crescimento econômico e modernidade tecnológica, onde ambos se estimulam, um processo que considera simultaneamente as diversas dimensões constituintes das relações sociais (cultura, economia, política) e também do espaço social e principalmente do espaço natural. Uma harmonização da gestão racional do ambiente, este como dimensão do desenvolvimento, internalizado em todos os níveis de decisão (SOUZA, 1997; SACHS; 1986).

O uso abusivo dos recursos naturais e de tecnologias poluentes nas estruturas produtivas, com o objetivo de obter lucros e garantir vantagens competitivas no curto-prazo, acabou por gerar grandes desequilíbrios ambientais. Para Leff (2000, p.96) "a natureza deixou de ser fonte de simbolização e significação da vida, suporte e potencial

de riqueza material e espiritual dos povos, para se converter em fonte de matéria-prima desvalorizada".

No final da década de 1980 se intensificaram os debates sobre a questão ambiental, frente a uma crise que questionava a racionalidade produtiva em detrimento dos recursos naturais. É neste momento que apresenta-se o conceito de desenvolvimento sustentável que, para Leff (2011, p.247) "expressa estratégias conflitantes que respondem a visões e interesses diferenciados".

Conforme Sachs (2002), este conceito tem diversas outras dimensões, no entanto, destaca-se a sustentabilidade ambiental que acabou, ao longo desses anos, encontrando uma definição aparentemente simples, mas concreta: sustentável é o desenvolvimento que se apoia, de forma equilibrada, nos pilares econômico, social – e aí se inclua o cultural - e ambiental (MACHADO, 2011; LEFF, 2011; SACHS, 2004).

O artesanato tradicional, categoria principal deste estudo, tenciona um nicho de mercado, em que os aspectos artesanais e culturais são valorizados, considerando principalmente a conservação e as formas sustentáveis de uso dos recursos naturais. Estando implícito o papel preponderante da cultura e das relações homem/natureza.

A ideia de sustentabilidade norteia as atividades artesanais nas instituições estudadas, desde a etapa de produção até a comercialização, lidando com matérias-primas esgotáveis, cuja disponibilidade se regula não apenas pelas condições próprias da natureza (seca e cheia dos rios), mas também pelas condições de acesso.

A cidade de Novo Airão é abraçada por Unidades de Conservação, impedindo os moradores ao acesso dos recursos naturais existentes nessas áreas florestais, condição que propicia a geração de conflitos, pois "as pessoas retiradas das reservas ou impedidas de nelas entrarem para coletar os produtos florestais de que sempre dependeram consideram isso uma violação do seu direito à vida (SACHS, 2002 p. 68).

As populações tradicionais transferidas por força da criação de uma área natural de conservação exprimem esse desassossego de várias formas. Alguns criticam a perda do acesso a espaços e recursos que consideram de uso comum e outros narram compreender que a restrição possa impedir a degradação ambiental.

> A economia de permanência deveria estar afirmada na perenidade dos recursos, isto é, na habilidade de transformar os elementos do meio ambiente em recursos sem destruir o capital da natureza. O conceito de recurso é cultural e histórico. É o conhecimento, pela sociedade, do potencial do seu meio ambiente (SACHS, 2002, p.70).

A crítica é percebida principalmente nas falas dos artesãos, tendo em vista que alguns viviam da subsistência da pesca e agricultura nas áreas protegidas. Já os mais jovens relatam compreender os objetivos da área preservada, pois quando nasceram a UC já estava instituída.

A realidade observada em Novo Airão, com as áreas protegidas e as pressões resultantes das necessidades dos sujeitos que vivem no seu entorno, remete a pensar à conservação da biodiversidade pelo Ecodesenvolvimento definido por Sachs (2002) como um estilo de desenvolvimento particularmente adaptado, onde:

> Em cada ecorregião, o esforço se concentra na valorização dos recursos específicos, para a satisfação das necessidades fundamentais da população em matéria de alimentação, habitação, saúde e educação, sendo essas necessidades definidas de maneira realista e autônoma, com vista a evitar os nefastos efeitos de demonstração do estilo de consumo dos países ricos (SACHS, 1986, p.15).

O Ecodesenvolvimento requer o planejamento local e participativo, no nível micro, entendendo que as associações estudadas também estão envolvidas na proteção da área como as comunidades de cidadãos e as autoridades locais. Ações orientadas pelo "pensar globalmente e atuar localmente" (SACHS, 2002). Leff (2000, p.272) alerta que "a aplicação do Ecodesenvolvimento implica a análise das formas concretas de apropriação dos recursos dos diferentes ecossistemas por diferentes formações socioeconômicas, através da articulação entre os seus processos ecológicos, sociohistóricos e culturas".

É importante ressaltar que os fatores que cooperam para o desenvolvimento da atividade econômica das instituições, evidenciam os deveres e ações determinando a organização dos setores presentes nas relações sociais. Estes processos se configuram nas relações sociais e tem como objetivo contribuir para o crescimento da economia por meio da circulação do capital.

À medida que os processos fundamentais de produção social, econômica e cultural funcionam, pode-se afirmar que são sociedades sustentáveis. Essa sustentabilidade, no entanto, está associada as formas produtivas e o desejo pela conservação dos recursos naturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que os artesãos de trançado e entalhe conhecem bem os limites de crescimento da produção e dos mercados em que atuam, sobretudo pela própria limitação

de acesso aos insumos que utilizam, um desafio diário para Nov'arte e AANA, uma busca constante pautada na perspectiva da sustentabilidade baseada em três pilares: econômica, ambiental e social.

Cada associação apresenta um modo específico de exploração dos recursos naturais e uso da força de trabalho humana. Um sistema de manejo que considera não apenas a exploração econômica dos recursos naturais, mas a existência de um complexo de conhecimento adquiridos pela tradição herdada intergeracionalmente, que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais. "A capacidade de renovação dos recursos – significando esse termo o suporte básico da vida, agua, solo e clima – requer uma gestão ecológica prudente, pois não se trata de um atributo concedido de uma única vez, para sempre" (SACHS, 2002, p.70).

A AANA desenvolveu uma forma particular de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução social e cultural presentes nas percepções e representações em relação ao mundo natural marcado pela ideia de associação com a natureza e dependência de seus ciclos. A FAM explora uma multiplicidade de hábitats: a floresta, as áreas já transformadas para fins agrícolas, os ramais, uma busca constante por matéria prima.

O artesanato da AANA ganhou força como manifestação cultural, o da FAM como importante estratégia de conservação ambiental. Conservação dos recursos naturais como meio que possibilite processos de expansão "das liberdades humanas", como também a dinâmica ambiental, um dos fatores que influenciam expressivamente no modo de vida dos artesãos. Sachs (1986, 2002) lembra que os problemas de recursos, população, meio ambiente e desenvolvimento só poderão ser totalmente compreendidos quando estudados em suas relações mútuas, necessitamos aprender como fazer um aproveitamento sensato da natureza para construirmos uma boa sociedade.

É extremamente complexa a questão que envolve a emergência dos empreendimentos locais e o uso de produtos florestais, segundo critérios de sustentabilidade. Sigo refletindo quais as possibilidades de desenvolvimento diante as limitações de acesso e uso dos territórios pelos artesãos da AANA e Nov'arte, uma maneira de viabilizar sistemas de manejo e devidas manipulações do ambiente que favoreçam suas atividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUZIER, K. **Economia criativa, identidade cultural e turismo**: um estudo nas Associações de Artesãos de Novo Airão (AM). Monografia. (Curso de Turismo) Universidade do estado do Amazonas, Manaus-AM, 2012.

BRASIL. **Plano da Secretaria da Economia Criativa**: políticas, diretrizes e ações. 2011 -2014. Brasília. Ministério da Cultura, 2011.

CALDENHOF, Satya Bottin Loeb. **Reserva extrativista do rio Unini**: conflitos e estratégias socioambientais no rio Negro/AM. 2009. 221 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

DIEDERICHSEN, Lars. **Artesanato e Design**. Porto Velho: SEBAER-RO, 2003.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo : Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.

FERREIRA, T. (org). **Trançados e entalhes de Novo Airão**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2010.

FONSECA, A. P. **(Eco) turismo e territorialidade**: a (in) sustentabilidade na Boca da Valéria / Parintins – AM. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Manaus: UFAM, 2010.

FUNDAÇÃO VITÓRIA AMAZÔNICA. **Uma analise critica das unidades de conservação do Baixo Rio Negro com propostas para as unidades estaduais. Manaus**: A Fundação, 2005.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniéle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa. [online]. v. 37, nº 132, p. 596-609, set./dez. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Censo Populacional 2010**. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_amazonas.pdf.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Tradução de Jorge Esteves Silva. Blumenau: FURB, 2000.

_____. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOPES, C.S.D. **Desenho de Pequenos Objetos de Madeira com Resíduo da Indústria de Processamento Mecânico da Madeira**. Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente – INTERFACEHS. 4, n. 3, artigo 1. 2009.